



O “FICAR” NA ADOLESCÊNCIA: DIÁLOGOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE

Vinicius Mascarenhas dos Passos¹
Marcos Lopes de Souza²

RESUMO

Este artigo discute os discursos construídos pelas/os discentes que cursaram a disciplina de Educação para Sexualidade (EPS) a respeito do “ficar” na adolescência. Essa disciplina é um componente curricular dos anos finais do ensino fundamental das escolas municipais da cidade de Jequié-BA. A pesquisa foi realizada com 44 discentes em três turmas de EJA juvenil em duas escolas no segundo semestre de 2018. Para a construção das informações foi utilizada a ferramenta do grupo focal mediada por um depoimento sobre os relacionamentos afetivos e sexuais de jovens. Para garantir o anonimato dos/as alunos/as e das escolas serão utilizados códigos. Em geral, os diálogos evidenciaram que o “ficar” é uma prática comum entre as/os adolescentes, entretanto, existe uma distinção social que inferioriza as mulheres em relação aos homens. Nessa prática podem ocorrer relações sexuais, mas não é obrigatório. Geralmente, as meninas se sentem pressionadas pelos meninos a realizarem a prática sexual.

Palavras-chave: Educação para Sexualidade, EJA juvenil, Relacionamentos afetivos-sexuais.

INTRODUÇÃO

Abordar as questões relacionadas à sexualidade é construir espaços que viabilizem discussões, problematizações e inquietações sobre um conceito amplo que constitui os sujeitos, suas práticas e as relações com os/as outros/as. De acordo com as contribuições de Figueiró (2009), esse conceito inclui o sexo, a afetividade, o prazer, os gestos, a comunicação, os valores e princípios culturais sobre as atitudes das pessoas. Sendo assim, a “sexualidade é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (LOURO, 1999, p. 11).

Na perspectiva que privilegiamos a sexualidade é dispositivo histórico, político e cultural (FOUCAULT, 1989). Portanto, a relação entre sexo, prazer, desejo e

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPGECFP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, vini-mascarenhas@hotmail.com.

² Professor Titular do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professor permanente do PPGREC e do PPGECFP da UESB, markuslopesouza@gmail.com.



sexualidade não representa a mesma coisa em épocas e contextos culturais distintos. Segundo Foucault (1989), no início do século XVII, as práticas sexuais não tinham segredos e, assim, os códigos da grosseria, da obscenidade e da decência eram frouxos, se comparados com os do século XIX. Ao longo do tempo, a sexualidade foi cuidadosamente tornando-se restrita a alguns espaços, passando para família a responsabilidade e o direito de fala. O sexo foi controlado de tal forma que, simplesmente, falar dele seria uma transgressão.

Por exemplo, no século XIII havia uma incitação política, econômica e técnica para falar do sexo com o objetivo de regulá-lo por meio de discursos úteis e públicos, para o bem de todas/os, mobilizando-o por meio de um padrão e não pelo rigor de uma proibição (FOUCAULT, 1989). Segundo Felipe (2000), ao final deste século, manuais de civilidade foram veiculados para delimitar determinadas expectativas e distinções de gênero. Dessa forma, os homens eram colocados em lugar de prestígio e visibilidade social em detrimento das mulheres que deveriam consentir, calar e ser recatadas. O instinto era constantemente utilizado para reafirmar a diferença entre os sexos/gêneros. Nesse aspecto, os colégios desse período passaram a entender que existia uma sexualidade precoce e ativa que estaria contribuindo para a formação de crianças e jovens. Conseqüentemente, o sexo dos/as adolescentes tornou-se um problema de saúde pública, em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas.

No século XIX, o discurso médico e higienista adentrou o espaço escolar para produzir novos saberes e, em especial, regular e administrar a vida sexual da população. Em meio a esse processo, crianças e adolescentes eram focos centrais dessa preocupação por serem consideradas fases de transformações e riscos, sendo necessários cuidados, atenções e intervenções. Logo, a sexualidade adolescente tornou-se um problema social, no qual, a instituição escolar é convocada a intervir. Seu caráter privilegiado para proporcionar educação sexual ocorreu devido à possibilidade de alcançar uma grande quantidade de adolescentes (ALTMANN, 2007).

Entendemos que ao longo do tempo, o/a jovem foi lidando de forma diferente com a sexualidade, embora algumas questões tenham sido (re)construídas, mas não totalmente abandonadas. Nem sempre os/as jovens seguem as regras culturais (im)postas à sexualidade, burlando-as e contestando-as (BRITZMAN, 1999).



Na contemporaneidade, os vínculos passaram a ter uma maior fluidez, diversidade e instabilidade, mormente, entre os/as adolescentes. Com a diminuição das fronteiras geográficas e psicossociais e com as lutas dos movimentos sociais de gênero e sexualidade, os relacionamentos afetivos se modificaram, possibilitando uma maior “liberdade” nas vivências sexuais. Nesse contexto, os/as jovens passaram a experienciar relacionamentos breves, que satisfaçam seus desejos momentâneos e sem compromisso para além da ocasião (JUSTO, 2005).

Dentre as relações, há algum tempo tem se popularizado entre os/as adolescentes a experiência do “ficar”. Essa nova configuração afetiva se caracteriza por ser episódica e ocasional, efêmera, superficial e sem compromisso. Em contrapartida, o namorar requer fidelidade, durabilidade, relacionamento familiar e social. Em nossa cultura era bastante comum que os meninos fossem pressionados para ter uma iniciação sexual que, geralmente, acontecia com prostitutas ou quando as meninas cediam, caracterizando-se como uma forma de provar a sua virilidade. Entretanto, as meninas que tinham relações sexuais sem serem casadas eram discriminadas, sendo consideradas pervertidas e depravadas (JUSTO, 2005). Essas distinções de gênero são reflexos dos manuais de boas maneiras veiculados no século XIII que ganharam força nos séculos XIX e XX e, conseqüentemente, ainda hoje é possível evidenciar resquícios desses posicionamentos.

Diante ainda desses processos de desigualdades e de violência de gênero nas construções dos relacionamentos, entendemos a importância da escola ser um espaço questionamentos sobre as construções socioculturais que envolvem as vivências das sexualidades. Uma das possibilidades seria o investimento em “[...] problematizar as formas pelas quais as diferentes culturas representam as masculinidades e as feminilidades hegemônicas, o amor e o prazer sexual, viabilizando ou não possibilidades concretas para essas ‘negociações’” (MEYER et al., 2009, p. 86).

É interessante que a escola possa, nos diferentes espaços curriculares, debater sobre os discursos que os/as discentes constroem em relação às vivências da sexualidade. Na cidade de Jequié-BA, desde 2005, foi criada a disciplina de Educação para Sexualidade para compor o núcleo diversificado da matriz curricular dos anos finais do Ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA) das escolas municipais.

A intencionalidade dessa implementação surgiu devido ao aumento do número de casos da gravidez na adolescência e ao contágio do HIV/AIDS. Essa disciplina foi



proposta para os anos finais do Ensino Fundamental, pois entenderam que os/as estudantes já teriam idade adequada para esses debates (AZEVEDO; SOUZA, 2016).

Para além do enfoque médico e preventivo, essa disciplina tem possibilitado problematizar, desconstruir e refletir sobre outras questões que, ao longo do tempo, foram silenciadas, tais como o a iniciação sexual. Diante do exposto, esse estudo objetiva analisar os discursos a respeito do ficar na adolescência construídos pelas/os discentes do ensino fundamental que cursaram a disciplina de Educação para Sexualidade no período letivo de 2018.

PERCURSO METODOLÓGICO

A busca pela compreensão das subjetividades, significados, pensamentos de grupos de estudantes por meio do diálogo sobre a iniciação sexual, direciona essa pesquisa a se configurar como qualitativa (FLICK, 2009).

Por compreendermos as discussões sobre sexualidade como uma construção de significados imersos em determinado contexto social, cultural e histórico influenciam na produção de saberes, nos aproximamos da vertente pós-estruturalista (CÉSAR, 2009). Esses estudos nos permitem desestabilizar as certezas universais, fixas e naturalizadas pensando na construção histórica das relações de poder-saber; questionamos o pensamento binário e dicotômico, experimentando as pluralidades e ambiguidades; consideramos as subjetividades das pessoas envolvidas na pesquisa; trabalhamos com uma metodologia provisória que possibilita ser adaptada no decorrer do estudo (TEDESCHI; PAVAN, 2017).

Essa pesquisa foi desenvolvida em escolas municipais da cidade de Jequié, interior do estado da Bahia, onde consta em seu currículo a disciplina de Educação para Sexualidade no 8º e 9º ano do ensino fundamental. Essa disciplina foi inclusa como componente curricular mediante orientação do Conselho Municipal de Educação “com base no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (BRASIL, 1996), alterado pela Lei nº12.796 de 2013” que possibilita com que tenha autonomia para tal criação (AZEVEDO; SOUZA, 2016, p. 373).

Após realizarmos um levantamento das escolas municipais já investigadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - campus de Jequié, nós decidimos escolher duas escolas entre as que



ainda não haviam sido pesquisadas. Os critérios de seleção foram: estar em área periférica de bairros distantes entre si; terem turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da modalidade Tempo Juvenil e apresentarem diferentes docentes responsáveis pela disciplina.

A EJA Tempo Juvenil é uma modalidade de ensino destinada, preferencialmente, a jovens entre 15 e 17 anos com distorção de série/idade em relação aos anos finais do Ensino Fundamental e que considere as especificidades e necessidades das culturas juvenis (BAHIA, 2013). Escolhemos trabalhar com a EJA juvenil por existirem poucas pesquisas que evidenciam essa modalidade de ensino.

O trabalho foi realizado em três turmas com discentes que cursaram a disciplina de EPS em 2018 (na instituição 1, na turma A havia 15 pessoas e na B 12; na instituição 2 na turma D tinha 17), totalizando 44 participantes. Essas instituições oferecem turmas do 4º ao 9º do ensino fundamental e com duas turmas da EJA juvenil, funcionando nos turnos matutino e vespertino.

O material empírico dessa pesquisa foi produzido por meio de grupos focais, sendo caracterizados pelo diálogo entre os/as estudantes e o pesquisador com base na discussão enfatizada em pontos específicos (DAL'IGNA, 2012). Para nortear o grupo focal utilizamos de depoimentos de alunos/as de escolas públicas e particulares de alguns estados brasileiros sobre diversas temáticas que envolvem a sexualidade extraídos do livro *Juventudes e Sexualidades* de Castro et al. (2004). Os relatos foram selecionados previamente por nós pesquisadores, colocados em uma caixa e informados que quando a música fosse pausada, o/a discente que estivesse com os relatos realizaria a leitura e iniciaria a discussão. Apesar dos múltiplos temas, nessa pesquisa nos pautamos sobre o tópico “entre o ficar e o namorar, a vida sexual”.

Todas as falas dos grupos focais foram gravadas e transcritas com o consentimento dos/as participantes. Depois de esclarecidas/os, as/os jovens maiores de 18 anos e os/as responsáveis daqueles/as que eram menores de idade assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enquanto que os/as estudantes menores de 18 anos assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Para que não haja identificação da escola e dos/as participantes usamos códigos. Quando se tratar do pesquisador utilizaremos P, quando for todos/as usaremos T e quando for estudante o código será representado por três partes: 1) sexo/gênero: se for aluna será utilizada a letra A e se for aluno a O, sendo que a cada estudante diferente



usaremos um número subscrito; 2) instituição: utilizaremos números 1 ou 2 para diferenciá-las e 3) tempo juvenil: usaremos 6/7 para 6º/7º ano ou 8º/9 para 8º/9º ano.

Na análise do material empírico procedemos com a Análise do Discurso com base nos estudos foucaultianos. Segundo Foucault (2006) o discurso se constitui como um elemento estratégico de disputa, controle e saber-poder, sendo necessário analisarmos com atenção as particularidades históricas, sociais e culturais nele imbricadas.

“OS HOMENS PEGAM E A GENTE NÃO PODE PEGAR NÃO, É?”: OS DISCURSOS SOBRE O FICAR NA ADOLESCÊNCIA

A discussão sobre a vida sexual nas aulas da disciplina Educação para Sexualidade foi iniciada após a leitura desse relato, que aconteceu em um grupo focal com alunas de escola pública na cidade de Vitória/ES, retirado do livro Juventudes e Sexualidades de Castro e col. (2004):

“Eu não sei, deve ser mais pelo estilo do homem, porque a mulher se sente mais constrangida de, por exemplo, estar com um hoje, aí transa, aí no outro dia arranja outro namorado, aí, daí um mês, dois, vai transar, eu acho que ela se sente mais constrangida. O rapaz não, transa hoje, está com outra amanhã já transando, sai na rua à noite aí acha aquelas mulheres de esquina, vai lá” (CASTRO et al., 2004, p. 91).

No decorrer dos diálogos foram pautadas as distinções de gênero entre o ficar para o homem e para a mulher:

A₁18/9: Homem rodado também é feio, agora mulher...

A₅18/9: Mulher mais ainda, homem nem tanto porque homem...

A₃18/9: Para mulher também é feio, é mais feio que para o homem. O homem só vai comer e todo mundo vai dizer "ah, aquela ali já pegou, é rodada, fulano já pegou"...

A₂18/9: É rodada, todo mundo já sabe de tudo.

A₁18/9: Namorar com uma pessoa já rodada, quem é esse homem que vai querer?

Nas falas das/os estudantes identificamos enunciados que retratam um estigma social, no qual, as mulheres que ficam com diversos homens são consideradas como putas ou vagabundas, entretanto, os homens que trocam frequentemente de mulheres são considerados ‘mulherengos’, respaldados pelos princípios e valores sociais e morais que enaltecem a masculinidade.



Historicamente, como nos indica Justo (2005), quando aparecia alguma menina grávida que não estivesse em um relacionamento, a notícia era comentada em toda a cidade. Os supostos pais eram chamados para depor na delegacia e, geralmente, sentiam orgulho por provarem a sua masculinidade. Entretanto, as mulheres eram humilhadas e caracterizadas como devassas e prostitutas, inclusive muitas eram expulsas de suas casas e não conseguiam construir outros relacionamentos.

Atualmente é possível encontrar resquícios desses discursos sexistas em relação à sexualidade da mulher, como em um dos comentários da aluna A_{18/9} ao destacar que quando a mulher fica com várias pessoas ela é desvalorizada e, portanto, estando propensa a não ter um relacionamento sério. “Tal pensar dicotômico sugere novas roupagens para velhos preconceitos que colaboraram nas valorações diferenciadas das mulheres – as boas para casar e aquelas, para as “outras coisas”, como para uma sexualidade descompromissada e separada do afeto” (CASTRO et al., 2004, p. 92).

Como já relatado, a mulher que tenha tido relações sexuais com vários parceiros é estigmatizada como rodada e mal vista e, caso um rapaz fique ou namore com ela, ele terá sua masculinidade inferiorizada em relação a dos outros garotos por estar com uma garota que já transou com outros homens. No grupo focal do colégio 2, na turma do 8/9 ano, é possível perceber isso nesses casos:

O_{428/9}: Porque acho que quando a mulher começa a ficar com todo mundo, fica mal vista, porque quando o homem pega várias mulheres faz altas ondas né, pivete, tá ligado...

O_{428/9}: Mas é pô. Eu pego uma menina e faço um monte de coisas. Aí eu chego para o (Fulano) e falo. Fulano não vai querer mais ficar com a menina. Vai, pivete?

O_{228/9}: Rapaz...

A_{328/9}: Vai.

O_{428/9}: Pra depois eu fazer resenha de tu... beijou meu p... Não, um exemplo, mas...

O_{328/9}: Tirou a rebarba do pivete.

Em nossa sociedade, dependendo do contexto sociocultural, a construção das masculinidades também se dá por meio da anunciação de com quem e com quantas garotas os rapazes já se relacionaram sexualmente. Por meio desses comentários aqueles homens que transam com mulheres que já tiveram relações sexuais com outros rapazes conhecidos são satirizados, vistos como aqueles que pegaram a rebarba do outro e que



indiretamente beijaram o seu pênis. Nessas disputas das masculinidades, há uma exposição, difamação e objetificação das mulheres.

Isso se intensifica quando essas mulheres que têm relações sexuais com vários parceiros também são lidas, por alguns garotos, como aquelas que apresentam Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), como destacado nesses relatos:

O_{128/9}: [...] as pessoas não vão querer pegar aquela menina porque tá rodada, pode ter doenças...

O_{428/9}: É, também tem isso...

P: E por que vocês acham que só a mulher pode contrair doenças?

T: Os homens também.

O_{128/9}: Mas a mulher também.

O_{428/9}: Vocês são mais fáceis que a gente.

A_{128/9}: Só porque tem um rostinho lindo, corpinho bonitinho acha que não vai estar com doença... aí se lasca e a mulher também.

Embora nem todas/os estudantes das turmas entendam dessa forma, pois apontam que os homens também podem contrair e transmitir as ISTs, ainda há um discurso de que as mulheres estariam mais propensas do que os homens.

Apesar de a maior parte dos/as alunos/as reforçarem a distinção de gênero nas suas falas, alguns/algumas deles/as das turmas do 8/9 ano das duas instituições expressaram o direito à liberdade das mulheres em fazer o que desejam com os seus corpos sem serem julgadas negativamente por isso, como descrevem em seus relatos:

A_{518/9}: Se ela faz ninguém deve nada a vida dela, é uma escolha dela. Se ela quer pegar vários ela fica.

A_{228/9}: Os homens pegam e a gente não pode pegar não, é?

Imersos na construção de uma cultura machista e sexista, vivemos em uma sociedade que tenta, constantemente, oprimir as mulheres em detrimento dos homens. Até pouco tempo, os relacionamentos eram arranjados, ou seja, as mulheres não poderiam escolher o/a parceiro/a com quem desejassem se relacionar e deveriam se casar com quem as famílias obrigassem. Ao longo do tempo, de acordo com Meyer e col. (2009), por meio das lutas do movimento feminista, estas foram conquistando espaços na sociedade, adentrando ao mercado de trabalho, contestando o seu direito de fala e garantindo a independência na escolha dos seus relacionamentos.



Além do mais, nesta questão do ficar, em geral, há uma cobrança maior para os homens a fim de que eles afirmem a sua virilidade.

A₂16/7: Se uma mulher não ficar com um homem tá tudo bem, mas se o homem não ficar com várias mulheres, ele vai sair com fama de ‘viado’.

A₄16/7: É.

A₅16/7: Não, vai que a mulher é uma puta, xibiu podre.

O₄16/7: Não, nada a ver.

P: Você acha que é nada a ver?

A₄16/7: Mas eu acho.

O₄16/7: Não, professor, nada a ver.

O₄16/7: Vai saber se na hora ele não está com vontade.

Os discursos que constroem as masculinidades reiteram o pensamento de que caso o homem rejeite ficar e/ou se relacionar sexualmente com várias mulheres, ele pode estar anunciando uma possível homossexualidade. Entretanto, alguns/algumas estudantes discordam disso, pois entendem que nem todos os garotos desejam transar ou podem não ter o desejo naquele momento. Neste grupo focal nos inquietou a fala de uma garota ao justificar a recusa de uma transa pelo rapaz caso a garota seja puta e tenha o xibiu podre. Mais uma vez a mulher é menosprezada e inferiorizada e com isso é considerado legítimo a negação do sexo pelo homem.

Ainda nesta distinção entre o que o homem e a mulher podem fazer durante as ficadas, é ressaltado, pelos/as estudantes, que a mulher não poder ter muitos parceiros, ou nas palavras delas, dar para um e para outro. Por outro lado, tanto as garotas quanto os garotos podem beijar à vontade. No grupo focal do 8/9 ano da instituição 1, os/as estudantes falaram sobre o que poderia ocorrer em uma ficada:

A₃18/9: Agora beijar qualquer um beija, agora dar para vários... aí não.

P: Então vocês acham que tem uma diferença entre o ficar de homem e o ficar de mulher? Vocês acham que as mulheres têm que ter limites?

A₃18/9: De dar sim, agora de beijar não. Beijar pode, limite para que? beijar eu posso beijar qualquer hora. Agora eu ir ali e dar para um e para outro... isso não.

Os/As estudantes não resumem o “ficar” ao ato sexual, embora possa ocorrer. Dessa forma, pode ou não ter uma maior intimidade dependendo da afinidade com o/a parceiro/a. Ainda nesses trechos existe uma compreensão de que a mulher deve manter



o respeito, se preservar e não ter relações sexuais casualmente. O beijo é considerado algo comum entre os/as adolescentes, ocorrendo com uma maior frequência.

Malgrado o discurso de que as mulheres não devam ter várias relações sexuais com parceiros diferentes seja potente nas falas dos/as discentes, produzindo as mulheres como aquelas que não devem vivenciar o prazer da mesma forma que o homem, algumas meninas do grupo focal do 8/9 ano do colégio 1 ressaltaram a pressão vivenciada para ter relações sexuais, conforme os relatos:

A₃18/9: Mas tem homem que não se contenta com isso não, fica com uma hoje e já... quero, vai ter que me dar...

P: Vocês acham que os homens pressionam as mulheres para ter relações sexuais?

A₂18/9: Tem uns que pressionam sim...

A₃18/9: Anham, ficam alisando, ficam agarrando.

A₄18/9: Tem uns que respeitam. A mulher fala "nós ficamos hoje a primeira vez, vamos ficar só no beijo". Agora tem homem que diz que tem que dar.

A₃18/9: Quer até terminar por causa disso, eu já ouvi vários relatos.

Os discursos produzidos em torno das masculinidades investem para que os garotos iniciem a sua vida sexual já na adolescência. Em geral, o ficar para os garotos envolve além dos beijos, a relação sexual e, por isso, alguns deles pressionam as garotas para que tenham relações sexuais com eles, mesmo que os discursos da construção das feminilidades incentivem para que elas continuem virgens ou se relacionem sexualmente apenas com um parceiro e, de preferência, após o casamento.

Conseqüentemente, muitas garotas se sentem coagidas a transarem com seus parceiros, ainda que não seja no primeiro encontro. Uma delas conta que alguns ficam alisando e agarrando e que até ameaçam terminar, caso a garota não transe. Entendemos essas atitudes dos garotos como violência sexual que foi de alguma forma naturalizada nos relacionamentos heterossexuais, já que muitas mulheres aprendem que devem estar subjugadas aos desejos e prazeres dos seus ficantes, companheiros ou esposos.

CONSIDERAÇÕES



Neste trabalho identificamos que os discursos de estudantes sobre os relacionamentos constroem o ficar como uma relação que busca o prazer momentâneo, marcado especialmente pelo beijo e, podendo ou não ocorrer o sexo.

Há uma distinção de gênero no ficar em que se investe para que os garotos transem, enquanto as garotas se resguardem a fim de que não sejam lidas como rodadas, rebarbas de outros homens e transmissoras de IST. Caso os rapazes não tenham relações sexuais com as garotas, eles podem ser lidos como gays embora, muitas vezes, as mulheres sejam culpabilizadas. Essa construção das masculinidades em torno de que os garotos transem com suas ficantes pode gerar a violência sexual contra elas, pois muitas são coagidas a transarem pela insistência de seus parceiros.

Diante do que foi apontado nesta pesquisa ficam alguns questionamentos: por que insistimos em construir o sexismo nos relacionamentos heterossexuais? Que efeitos as produções das masculinidades e virilidades ainda produzem nos relacionamentos heterossexuais e como desconstruí-los? Quais estratégias as garotas constroem a fim de burlar e contestar essas normas de gênero que insistem em aprisionar as suas sexualidades? Perguntas inquietantes que podem fomentar outros trabalhos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) por meio da concessão de bolsa de estudo do Mestrado.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H.. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em Revista** (UFMG. Impresso), p. 287-310, 2007.

AZEVEDO, S. M. M. M.; SOUZA, M. L.. O ensino da sexualidade em um componente curricular específico: regulações e escapes. **Ensino em Revista**. Minas Gerais, v. 23, n. 2, p. 367-386, 2016.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Proposta pedagógica do tempo juvenil ensino fundamental para estudantes de 15 a 17 anos**: versão preliminar. Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica. Diretoria de Educação e suas Modalidades. Coordenação de Educação de Jovens e Adultos: Salvador, 2013.



BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 83-111.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

CÉSAR, M. R. A.. Lugar de sexo é na escola? sexo, sexualidade e educação sexual. In: SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; ARAUJO, Débora Cristina de. (Org.). **Caderno Temático de Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. 1 ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009, v. 1, p. 49-58.

DAL'IGNA, M. C.. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M.A. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 195-217.

FELIPE, J. Infância, gênero e sexualidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 25, p. 115-131, 2000.

FIGUEIRÓ, M. N. D.. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: Mary Neide Damico Figueiró. (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009, p. 141-171.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. 2 ed. v. 4, Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2006.

JUSTO, J. S.. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia (UFF)**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 61-77, 2005.

LOURO, G. L.. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34

MEYER, D. E. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. DOS S.. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: questões para a educação escolar. In: Secretaria de Estado da Educação Paraná. (Org.). **Caderno Temático de Sexualidade**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009, p. 81-89.

TEDESCHI, S. L.; PAVAN, R. A produção do conhecimento em educação: o pós-estruturalismo como potência epistemológica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, set./dez. 2017.